

Breves incursões sobre os influxos de michel foucault na epísteme da análise do discurso

Diana Pereira Coelho de Mesquita¹

1 INTRODUÇÃO

Michel Foucault foi um dos maiores pensadores de nossa época e nosso interesse por suas idéias despontou a partir da observação de que ele não se ateu a um campo específico do saber, ou seja, não se vinculou a uma única corrente epistemológica, não ficando circunscrito a uma área do saber. Ele dialoga com campos distintos, como a filosofia, a psiquiatria, a história, a sociologia, a lingüística, a biologia, a literatura, entre outros.

Reconhecemos que não é uma tarefa fácil explicitar as contribuições de um autor de textos densos e complexos, como Michel Foucault, para a Análise do Discurso. Afinal, suas idéias e métodos parecem se reelaborar e se enriquecer ao longo do tempo dada a relevância dos mesmos para todos os campos das ciências sociais.

No conjunto da obra de Foucault não há uma sistematização dos conceitos por ele elaborados, o que torna a nossa tarefa - elencar e discutir suas contribuições para a Análise do Discurso - bastante difícil. Sentimo-nos como detetives, que procuram pistas em seus escritos e, após encontrá-las, têm que

¹ Mestranda em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU/MG e Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Federal de Goiás – UFG/Campus Catalão.

ordená-las e analisá-las na busca de compreender o que ele propõe.

Diante disso, afirmamos que não é nossa pretensão explicar as principais teorias apresentadas por Michel Foucault, ou propor perspectivas amplas de análise para o que consideramos suas contribuições para a Análise de Discurso de orientação francesa, mesmo porque estas seriam tarefas que não caberiam em um trabalho tão breve. Nosso intuito é discutir a presença reiterada de algumas noções apresentadas por ele nas principais discussões que sustentam o campo teórico da Análise de Discurso - formação discursiva, sujeito, discurso e poder, enunciado e descontinuidade da história - por acreditarmos que estas constituem a base que serve de sustentação para o constructo teórico da Análise do Discurso.

2 MICHEL FOUCAULT: UM PIROTÉCNICO HISTÓRICO-FILOSÓFICO

Escrever sobre Michel Foucault é penetrar num espaço de incertezas e de reflexões epistemológicas. A variedade de pesquisas sobre este pensador deixa evidente a dificuldade de se estudar o seu pensamento. Escreveu muitos textos e em diversos suportes o que se torna um empecilho à sistematização da sua obra e têm gerado certos anacronismos por parte de alguns que tentam periodizá-la ou enquadrá-la dentro de um campo específico do conhecimento.

O que nos parece, no entanto, sem pretensões de caracterizar o pensamento foucaultiano, é que o ponto de convergência entre seus escritos talvez seja a preocupação com o

sujeito na sua relação com o saber, com o poder e com a verdade. A partir desse eixo epistemológico, Foucault propõe um olhar sobre um novo tipo de racionalidade, bem como seus deslocamentos e transformações e sobre as várias formas como os discursos se encadeiam. Diante desse pensamento, configura-se a sua noção de ruptura, de descontinuidade e de dispersão, ou seja, ele aponta a necessidade de tratar os discursos como acontecimentos dispersos em suas historicidades.

Não é objetivo de Foucault apresentar uma visão geral e sistemática da sociedade e da história. Ao contrário, ele almeja traçar um diagnóstico de nosso presente. Talvez por isso suas contribuições atingiram (e atingem) grande parte das ciências sociais e suas idéias ainda intrigam os estudiosos de sua obra, pois ele não fornece receitas nem uma teoria da totalidade social. Ao contrário, deixa aberto o campo das indagações sobre a sociedade, a história, o sujeito e o poder e mostra que a verdade não está posta, não é algo que alcançamos apenas porque sabemos que ela está ali, definida, à espera de ser lograda pelos que acreditam nela. Para ele, a verdade é produzida por discursos que carregam poder e saber, ela não está fora do poder e nem é possível sem ele.

Foucault tratou de temas como: saber, poder, verdade, discurso, sujeito, disciplinarização e normatização da sociedade, cuidado de si, enunciado, formação discursiva, história, entre outros. Percebe-se, portanto, quão profícuo é o seu pensamento para os variados campos epistemológicos. Interessa-nos, especificamente, analisar tal proficuidade para a Análise do Discurso francesa (doravante AD).

3 FORMAÇÃO DISCURSIVA: CONCEITO-CHAVE

Um dos conceitos fundantes no escopo da Análise do Discurso de linha francesa talvez seja a noção de “formação discursiva”, uma vez que esta se relaciona diretamente com as noções de Sujeito e discurso, questões basilares para tal campo epistemológico. Partindo dessa premissa, discutiremos a noção de formação discursiva emprestada de Michel Foucault por Michel Pêcheux, o precursor da AD francesa.

A partir do conceito de formação discursiva proposto por Foucault, Michel Pêcheux, à luz do materialismo histórico, produz uma mudança em relação à concepção de discurso. Desta feita, o discurso passou a ser analisado dentro das condições históricas de produção e, conseqüentemente, os *corpora* passaram a ser analisados a partir de sua inscrição no interior de determinadas condições de produção. Pensar o espaço discursivo e ideológico onde se desenvolvem as formações discursivas tornou-se um dos objetivos da Análise do Discurso.

Nesse ponto, Foucault foi fundamental para a AD francesa, pois a partir de suas idéias sobre formação discursiva, houve uma ruptura com a idéia do *corpus* dado a priori, construído a partir dos saberes do analista. Ao analista cabe descrever as configurações de arquivo (FOUCAULT, 2005) centradas a partir de um tema, de um conceito, enfim de um acontecimento. Ele deve questionar sobre qual o lugar ocupado pelo acontecimento discursivo num determinado arquivo².

O corpus de análise torna-se heterogêneo, ou seja,

² Conforme Foucault (2005, p. 147-148), o arquivo “é o sistema da formação e da transformação dos enunciados”.

compõe-se de textos representantes dos diversos gêneros, que tratam de um mesmo tema e que circulam em diferentes suportes. Assim, podemos dizer que a noção de formação discursiva passa a ser considerada em sua heterogeneidade, uma vez que ela está presente em diversos campos de relações, assumindo posições diferentes a depender do jogo de poderes aí presentes.

Os conceitos foucaultianos de arquivo e de acontecimento despertam o interesse dos analistas do discurso, como Pêcheux, por exemplo, na medida em que indicam essa nova forma de organização do *corpus* que permite a eles buscar na própria materialidade do discurso um trajeto de leitura do arquivo. Há que se observar que quando Pêcheux trouxe para a AD a noção de formação discursiva, adaptou-a aos preceitos da AD, relacionando tal conceito à questão da ideologia e da luta de classes, pois sentia a necessidade de uma teoria materialista do discurso (PÊCHEUX, 1997, 153) e a definiu [a formação discursiva] como aquilo que, “numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)” (PÊCHEUX, 1997, p. 159-160, grifos do autor).

Para Foucault (2005), discursos são dispersão e cabe ao analista justamente descrever essa dispersão, pesquisar se os elementos que os constituem possuem uma regularidade, uma ordem em seu aparecimento, correlações em sua simultaneidade, posições determinadas em um espaço comum, transformações ligadas e hierarquizadas. Para isso, os analistas devem buscar as “regras de formação” que regem os discursos.

Desta forma, Foucault apresenta o caminho a ser percorrido, as noções que carecem ser testadas e as análises que precisam ser efetuadas para que se proceda a um estudo dos discursos, reconhecendo-se a dispersão dos mesmos.

4 O DISCURSO, O SUJEITO E O PODER: UMA RELAÇÃO DE IMPLICAÇÃO

Em sua aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada no dia 02 de dezembro de 1970 – que posteriormente foi publicada sob o título de *A ordem do discurso*, o filósofo Michel Foucault (1996, p. 9) inicia sua discussão sobre o discurso alertando que “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder”.

Como o próprio título da obra anuncia, Foucault apresenta sua preocupação em demonstrar como o discurso passa por um processo de ordenação. E, a partir de suas palavras, podemos constatar que em todas as sociedades a produção dos discursos não é espontânea. Ao contrário, é regulada, selecionada, organizada e redistribuída. Desta forma, os discursos sofrem uma interdição, uma vez que não temos o direito de dizer tudo o que queremos ou pensamos em qualquer circunstância ou em qualquer lugar. A nós, sujeitos do discurso, é imposto um conjunto de regras que definem o que podemos ou não dizer.

Foucault apresenta a “vontade de verdade” como um dos sistemas de exclusão do discurso e que se caracteriza por ser um tipo de separação historicamente construída; ela exerce

sobre os discursos um poder de coerção, pois delimita, através de todo um arsenal composto por livros, bibliotecas, textos, etc. o que pode e/ou deve ser dito. Podemos dizer que é uma das práticas de exclusão advindas da exterioridade e que afetam o indivíduo. Assim, só conhecemos uma única verdade, aquela que nos é oferecida pelas instituições e são aceitas como inquestionáveis. Segundo Foucault, essa vontade de verdade exclui aqueles que com ela não concordam.

Conforme o autor, nem todas as regiões do discurso são abertas a todos os sujeitos que falam. Ele apresenta a idéia de uma “polícia” discursiva que nos obriga (mesmo que não percebamos) a obedecer a um conjunto de regras que é reativado em cada um de nossos discursos. Assim, os rituais da palavra, as sociedades do discurso, os grupos doutrinários e as apropriações sociais se interligam para garantir a distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discurso e a apropriação dos discursos pelos sujeitos e configuram-se como os grandes procedimentos de sujeição do discurso.

Desta forma, as interdições, as supressões e os limites existem para assegurar o controle da grande proliferação do discurso. Mas é importante destacar que as interdições “não têm a mesma forma e não interferem do mesmo modo” nos diferentes discursos. E essas diferentes regularidades discursivas “não reforçam, não contornam ou não deslocam os interditos da mesma maneira” (FOUCAULT, 1996, p.67).

Diante dessas discussões, Foucault alerta que é preciso não ficarmos à mercê das interdições impostas ao discurso e que devemos, para isso, tomar três decisões: “questionar nossa vontade de verdade; restituir ao discurso seu caráter de acontecimento; suspender, enfim, a soberania do significante”

(FOUCAULT, 1996, p. 50). Essas três decisões incitaram nos analistas do discurso um profundo interesse, especialmente quando Foucault (1996) apresenta os *princípios* básicos para o atingimento desse fim [não-aceitação das interdições]: de *inversão* - precisamos reconhecer o jogo negativo de um recorte e de uma rarefação do discurso; de *descontinuidade* - os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, estas às vezes se cruzam, às vezes se ignoram ou se excluem; de *especificidade* - não se pode transformar o discurso em um jogo de significações prévias; e, de *exterioridade* - as condições externas do discurso, de aparição e de regularidade, devem ser analisadas como aquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras. Acreditamos que os analistas do discurso, consoantes com Foucault, admitem que os discursos constituem-se como práticas descontínuas, que não possuem uma significação prévia e acabada e que em sua configuração sofrem efeitos da exterioridade.

Uma análise do discurso como Foucault propõe em *A Ordem do Discurso* (1996), não se preocupa em desvendar a universalidade de um sentido; ela questiona o jogo da rarefação imposta e a consideração de que o discurso apresenta uma quantidade de significações prévias, cabendo a nós somente decifrá-las e acredita que a significação do discurso não está no seu interior, escondida, esperando para ser encontrada. Analisar o discurso seria, portanto, dar conta das relações históricas, das práticas vivas nos discursos, da sua relação com a exterioridade e com as condições de produção em que esses estão inseridos.

Nesse sentido, discurso não é mera referência a coisas. Ele ultrapassa a simples utilização dos recursos lingüísticos (letras, palavras e frases) e não se constitui como um fenômeno

de expressão de algo ou de um pensamento apenas. Daí a concepção foucaultiana conceber que o discurso sempre se produz em razão das relações de poder e que estas não funcionam dissociadas de um funcionamento do discurso. Para o autor, a sociedade é uma construção histórica atravessada por práticas discursivas. E a produção dessas práticas discursivas é controlada, selecionada, organizada e redistribuída pelos procedimentos coercitivos já elencados anteriormente e que têm por função primordial evitar os poderes e perigos do discurso.

Foucault torna claras as relações de poder que coexistem na sociedade. Ele aponta como tais relações surgem, se estabelecem, são mantidas e também aceitas pelos sujeitos. O autor esclarece sobre como a subjetividade dos sujeitos é formada através, principalmente, da disciplina e nos mostra que para estudarmos o poder é preciso nos atermos à (na) discussão sobre o conhecimento, uma vez que é por meio dele (sua apropriação e manipulação) que uns indivíduos “mantêm o controle” sobre outros. Daí a importância de se compreender como o poder historicamente se constituiu, fazendo com que quem não se enquadre nos padrões estabelecidos pela ordem social seja excluído socialmente. E essa discussão sobre o poder é uma questão fundamental para a Análise do Discurso que se propõe a analisar todos os discursos, a partir das relações de poder socialmente estabelecidas.

Assim, quando a Análise do Discurso pensa as relações de poder da forma como Foucault propõe, ela procura resignificar a concepção de um poder centralizado na figura do Estado (presente na análise marxista) para um poder que se propaga, que está em todos os lugares e atravessa todas as relações. Abandona-se a idéia de um poder que se baseia na

dominação em seu sentido literal, de um poder localizado em um ponto fixo. O analista do discurso reconhece que onde há poder, há possibilidades de resistência, pois esta se configura como parte constitutiva do próprio poder.

Para o campo da Análise do Discurso, vemos que a noção de relações de poder é extremamente produtiva, pois nos faz refletir que o poder, da forma como é apresentado através de suas relações, não é algo necessariamente negativo. Sendo assim, não há a necessidade de nos libertarmos dele, entretanto, podemos participar desse jogo, usando como instrumentos certas práticas de liberdade e o mínimo possível de dominação.

Para Foucault o sujeito nunca é livre, mas deve lutar contra esse tolhimento à sua liberdade; precisa mobilizar-se, participar e reivindicar seus direitos. Tais atos são a configuração da sua preocupação consigo e com o cuidado de si. Em sua concepção, o homem é sujeito e objeto de conhecimento, é resultado de uma produção de sentido, de uma prática discursiva e de intervenções de poder. Nesse ponto, a AD se aproxima da concepção foucaultiana, na medida em que, para ambos, não existe um sujeito pronto, constituído, acabado e verdades a serem encontradas em uma forma de razão considerada universal. O indivíduo torna-se sujeito à medida que consegue sobrepor-se aos saberes que o objetivam. E aí Foucault chama a atenção para os perigos das ciências, das filosofias que almejam ser as portadoras de verdades e que exigem submissão.

Além da discussão sobre o discurso, o sujeito e o poder, Foucault apresenta outras noções que são apreendidas pela Análise do Discurso e re-significadas por ela de modo que passam, a partir daí, a configurar o seu arcabouço teórico. Como

é o caso, do enunciado. Conceito fundamental para Foucault (1996), que afirma que o discurso só existe na dimensão do real e é no campo dos enunciados que toda realidade se manifesta.

5 ENUNCIADO: O ÁTOMO DO DISCURSO

Dos conceitos propostos por Michel Foucault para se estudar o discurso, acreditamos que o de enunciado é que o sintetiza melhor a elaboração deste autor sobre uma possível teoria do discurso. Para o filósofo (2005), o enunciado não se constitui como uma unidade, uma vez que se encontra na transversalidade de frases, proposições e atos de linguagem. Dessa forma, ele é um acontecimento que não pode ser esgotado inteiramente nem pela língua nem pelo sentido. É constituído por palavras, por signos, entretanto interessa sua condição mesma de enunciado e não seus aspectos puramente lingüísticos. Diante disso, analisar um enunciado é reconhecer suas especificidades, é apreendê-lo como um acontecimento situado no tempo e no espaço e que pertence a uma dada formação discursiva.

Foucault ressalta que a condição para que haja um enunciado não é a presença de uma estrutura proposicional definida e explica que sempre que existe uma frase gramaticalmente isolável, podemos reconhecer que existe nela um enunciado independente, contudo, é comum encontrarmos enunciados que não correspondam à estrutura lingüística da frase. Em sua concepção, não se pode definir um enunciado pelos caracteres gramaticais da frase.

Para Foucault não há enunciado livre, neutro e independente. Ele não é puramente a utilização por um sujeito

falante de um conjunto de elementos e de regras lingüísticas. É a unidade elementar dos discursos e para exercer sua função deve respeitar as modalidades particulares e deve obedecer a estratégias enunciativas específicas para cada discurso.

Por fim, o autor defende que a análise do enunciado e da formação discursiva são correlativas, uma vez que a lei dos enunciados e o fato de pertencerem à uma formação discursiva constituem uma unidade.

6 PARA FINALIZAR: UMA PALAVRA SOBRE A DESCONTINUIDADE DA HISTÓRIA

Em seus estudos, Foucault retoma a importância da história como fonte de subsídios quanto à construção de práticas que levam os sujeitos a se deslocarem da objetivação rumo a uma subjetivação. Mas a história que ele propõe não é a história tradicional, positivista, cronológica, linear, continuísta, tida como uma espécie de grande e vasta continuidade, uma história preocupada em analisar as unidades, descritas como épocas, e os feitos dos grandes homens. Ao contrário, ele defende a história que observa o que está próximo, que investiga, que se preocupa com a compreensão dos fenômenos e das rupturas.

Para o autor (2005), os fenômenos não se originam em algum lugar que seria como o lugar próprio da sua verdade e nem são reflexos dos atos de um único sujeito. O tempo é uma sucessão de descontinuidades, e é essa fragmentação da temporalidade da história que nos permite perceber a finitude do homem. Assim, o homem só existe através da história e o sujeito é um acontecimento histórico que obedece à lei do acaso, é apenas uma posição ocupada por quem enuncia algo em

determinado lugar, sendo assim ele é suscetível às transformações discursivas que possibilitam novas regras de enunciação. E, tais transformações, não dependem exclusivamente de um único sujeito.

Foucault propõe a substituição da História tradicional pela dita História nova, que ele considera como essencialmente descontínua, feita de rupturas, que se realiza em meio a conflitos e privilegia a pluralidade de acontecimentos em sua dispersão. Por isso, o pensamento foucaultiano é importante no campo da Análise do Discurso, pois ele se opõe à História tradicional, na medida em que identifica com o (no) acontecimento, o (no) novo, a dispersão e a heterogeneidade que só são permitidos por meio dos conflitos estabelecidos numa dada realidade. Desta feita, Foucault se propõe a descrever a constituição do campo histórico como uma rede formada na inter-relação dos diversos saberes que a atravessam. E é justamente nesta rede que os discursos emergem.

Graças à sua forma crítica de pensar a História, Foucault possibilita aos analistas do discurso uma forma se pensar a relação da Análise do Discurso com a História, por meio dessa rede. Ele propõe uma abordagem crítica sobre os discursos dos documentos e sobre os discursos contidos nos discursos do próprio historiador, pois estes estariam presos às condições de produção e de sentido de sua época. Com tal pensamento, apresenta uma nova forma de ver e escrever a história, estabelecendo um diálogo entre os analistas do discurso e os historiadores. Entendemos que Foucault contribuiu para o pensamento dos analistas do discurso sobre o lugar epistemológico ocupado pelo discurso, a partir do momento que passou a defender que o discurso não está no campo da língua,

mas no campo do enunciado e que, por isso, deve ser visto em sua função enunciativa. Nesse processo, há que se considerar não apenas o sujeito que produziu o discurso, mas de que lugar institucional e sob que regras sociais e históricas ele foi produzido.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, neste artigo, apresentar algumas noções de Michel Foucault demonstrando que tais conceitos estão intimamente interligados, sendo constituintes e constitutivos uns dos outros. Tencionamos demonstrar de que modo suas concepções atravessam a Análise do Discurso e nos ensinam um novo modo de investigar baseado na análise não do que está por trás dos textos, dos discursos e dos documentos, mas que nos faz refletir sobre quais são as condições de existência de um determinado discurso, de um enunciado.

É comum encontrarmos entre os analistas do discurso aqueles que tecem duras críticas a Michel Foucault por ele não ser lingüista nem analista do discurso. Estes crêem que por não possuir uma formação nessa área, ele não está apto a pensar sobre o discurso e nem mesmo a propor conceitos e noções que estejam diretamente relacionadas a este e à linguagem. Acreditamos ser isso um equívoco, pois mesmo Foucault não sendo um lingüista e seus interesses terem sido mais adequados ao campo da filosofia, quando discute o enunciado, o arquivo, a prática discursiva e propõem a concepção de formação discursiva numa perspectiva de descontinuidade e dispersão, ele acaba se inserindo no campo da lingüística e dos estudos sobre o discurso.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. *A Ordem do Discurso*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.